

OITO CATÓLICOS(AS) DO PADRE MARCELO E UM CONTRAPONTO Catolicismos brasileiros contemporâneos de nove entrevistados(as)

* Professor e Secretário Geral do
ITESP.

Norbert H. C. Foerster

Resumo:

O a. a partir de uma série de entrevistas busca dimensionar alguns aspectos mais significativos dos catolicismos contemporâneos. Para a apresentação dos mesmos, ele sintetiza alguns diálogos e a partir de uma série de abordagens teóricas, buscando propor algumas linhas de compreensão tendo como pano de fundo a situação da religião na modernidade. Para um enfoque mais delimitado, as entrevistas foram feitas com pessoas que freqüentam as celebrações do assim chamado 'terço bizantino' do padre Marcelo Rossi. Para contrapor a uma leitura da experiência católica diversa, os conteúdos destas entrevistas são confrontados com os de uma adepta das CEBs. Uma síntese conclusiva vem apresentada no final permeando toda a apresentação com referenciais de diversos teóricos.

Palavras-chaves:

Catolicismo popular; Religiosidade; RCC; Religião popular.

1. INTRODUÇÃO

Este ensaio pretende pesquisar como o pluralismo religioso, estudado sob o prisma dos *catolicismos brasileiros*, se faz

presente em católicos contemporâneos entrevistados. Particularmente, escolhi como entrevistados oito católicos(as) que chamo *católicos(as) do Padre Marcelo*, por participarem das celebrações da quinta-feira à noite no Santuário do Terço Bizantino, e uma *adepta* de CEBs da paróquia onde trabalho, como contraponto.

1.1. O objeto da pesquisa

O objeto do meu estudo são os catolicismos vividos por nove sujeitos católicos entrevistados. As primeiras oito entrevistas foram feitas na quinta-feira à noite antes de Pentecostes (27/05/2004), a primeira na rua da feira em frente do Santuário do Terço Bizantino, localizado na Avenida das Nações Unidas, na cidade de São Paulo, as outras sete dentro dele, por ocasião de uma celebração do Padre Marcelo. Fui naquela noite acompanhando seminaristas religiosos com os quais convivo, e que foram para estudar o fenômeno Padre Marcelo para a disciplina *Antropologia religiosa* no estudo da teologia católica. Fiz as entrevistas mais por curiosidade do que por fins estritamente científicos; não estava planejado o uso das entrevistas para este ensaio.

No caso destas oito entrevistas, o objeto de estudo poderia ser chamado, portanto, *catolicismos de católicos(as) que vão no Padre Marcelo*.

Realizei a última entrevista na secretaria da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, localizada na Av. Cupecê, no bairro do Jardim Miriam, Diocese de Santo Amaro, com uma católica bem conhecida minha e coordenadora de sua comunidade, num domingo especial: aniversário de 35 anos da paróquia, celebrando a própria história (também de lutas pelo bairro). Aqui, o objeto pesquisado, pensado como contraponto aos oito *católicos do Padre Marcelo*, seria o *catolicismo de uma católica adepta das Comunidades Eclesiais de Base*.

1.2. A formulação das hipóteses

A hipótese central deste ensaio é que no Brasil contemporâneo não se pode falar de *um* catolicismo, mas que existe uma pluralidade, uma polifonia ou multivocalidade de catolicismos. Esta pluralidade religiosa católica não é negação, mas ao contrário é expressão da secularização entendida não como fim da religião, mas como fim do monopólio religioso. Este ensaio pretende comprovar a existência de uma pluralidade de catolicismos e descrevê-las com mais precisão, na medida que aparecem nas entrevistas. Suponho:

- Alguns(mas) católicos(as) do Padre Marcelo procuram na religião respostas pragmáticas e imediatas;

- Muitos(as) católicos(as) do Padre Marcelo procuram a religião como um instrumento para interpretar sua biografia pessoal e dar um sentido à sua vida;
- Quase todos os católicos do Padre Marcelo vão afirmar no seu discurso que hoje têm mais fé do que antes de conhecê-lo; quase ninguém vai falar de decepções e crises atuais de fé, ou criticar o Padre Marcelo;
- Os(as) católicos(as) do Padre Marcelo não substituem nem rejeitam sua crença inicial, mas a ampliam por acréscimos;
- Alguns(mas) passaram por um certo trânsito religioso, enquanto os (as) afastados(as) reavivaram sua fé.

1.3. Objetivos

Este ensaio visa os seguintes objetivos:

- Elaborar os diversos catolicismos que aparecem nas entrevistas e esclarecer os elementos que os distinguem;
- Mostrar como a modernidade incide de maneira diferente sobre os sujeitos religiosos, dependendo de qual extrato social estes provêm;
- Procurar elementos mágicos presentes no discurso dos(as) entrevistados(as);
- Mostrar como a retraditionalização católica, operada pela Renovação Carismática Católica, está presente no discurso dos(as) entrevistados(as);
- Pesquisar o trânsito religioso presente no discurso dos(as) entrevistados(as);
- Pesquisar o hibridismo católico brasileiro presente no discurso dos(as) entrevistados(as);

1.4. O método da pesquisa

Minha investigação é uma pesquisa empírica, com trabalho de campo, entrevistando novo católicos(as). Os sujeitos são ouvidos, seu discurso analisado, um por um, e os dados são sistematizados e cotejados com os autores estudados ao longo do curso. O caminho é, portanto, do individual ao coletivo. Assim, o *relato* ou *história oral* dos sujeitos é a matéria-prima das minhas considerações. A pesquisa é, portanto, qualitativa. Deve ser considerado que a história oral *registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade. Neste último caso, busca-se uma convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento...* O relato, a narrativa, encerram uma primeira transposição:

Um primeiro enfraquecimento ou uma primeira mutilação ocorre então, com a passagem daquilo que está obscuro para

*uma primeira nitidez — a nitidez da palavra — rótulo classificatório colocado sobre uma ação ou uma emoção.*¹

1 Cf. M. I. P. QUEIROZ, *Variações sobre a técnica do gravador no registro de informação viva*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1991, pp. 3 e 5.

1.5. A respeito da escolha do local e da hora das entrevistas

É importante que em todos os casos esta transposição ocorreu em *espaço eclesial* (o Santuário do Terço Bizantino, nas primeiras oito entrevistas, e a secretaria paroquial, na nona entrevista). Este espaço, pertencente ao poder religioso, pode refletir no discurso; este poderia ter sido bem diferente p. ex. no espaço da casa do(a) entrevistado(a), no sentido do(a) entrevistado(a) estar bem mais à vontade para falar de sua religiosidade como ela é e não tanto como a instituição a quer. No limiar do sagrado eclesialístico, o discurso é também ele institucionalizado.

Deve-se levar em conta também que, no caso das oito entrevistas no Santuário do Terço Bizantino, comecei estas uma hora antes da celebração começar. Costumam chegar mais cedo à Igreja os mais *fiéis*, enquanto os participantes esporádicos muitas vezes chegam mais tarde ou atrasados. A quinta-feira também é dia de trabalho; possivelmente muitos dos pobres e desesperados só possam chegar atrasados.

Os(as) oito entrevistados(as) no Santuário do Terço Bizantino não conheci antes, enquanto conheço bem e já visitei várias vezes a última entrevistada.

1.6. Problematização

Optei por não problematizar a questão e apresentar os autores que ajudam na análise nesta introdução, mas a problematizar e chamar os autores a partir da fala dos(as) entrevistados(as).

2. AS ENTREVISTAS

2.1. E01

Para E01, um jovem filho de uma vendedora que trabalha nos arredores do Santuário do Terço Bizantino, o Padre Marcelo é importante porque *ele dá muito emprego para as pessoas. Dá oportunidades para todo mundo*. A irmã que *tinha problema* de saúde e *usava Gardenal* foi curada após um pedido e agora está *tudo bem com ela: Deus olhou para a gente e fez isso*. Deus também resolveu no caso de problemas financeiros: *ele ajudou bastante a gente, em várias coisas: contas, em casa*.

E01 afirma, porém, que não é um novo adepto da Igreja Católica por causa do Padre Marcelo: *Antes a gente freqüentava Igreja. Aí começou a surgir necessidades, e nós começamos a trabalhar*.

Vê-se que a família de E01 faz parte daquela parte do povo pela qual o projeto de modernidade e sociedade, com suas promessas de saúde, emprego e bem-estar social simplesmente não chegou. Na biografia de E01 e de sua família, não foi a sociedade moderna que resolveu os problemas de doença e desemprego, mas a religião e até o próprio Deus: *Deus olhou para a gente e fez isso*. Diz Prandi: *A maioria da população foi mantida longe do pensamento científico, das filosofias laicas, dos modelos de comportamento que implicam a escolha racional*.² De fato, as soluções do pensamento racional, por exemplo, remédio, não tomaram o lugar das soluções do pensamento mágico como é o caso do pedido. E01 procura na religião respostas pragmáticas e imediatas; *dramas e angústias não deixam tempo para aguardar uma resposta mais elaborada*, diz Antoniazzi. Ele, entretanto, prossegue: *A sociedade gera insatisfação mais do que satisfazê-la, e também incerteza e insegurança. Não se procura a verdade; procura-se a satisfação de necessidades pessoais. O pressuposto 'retorno ao religioso' é, de fato, 'uma instrumentalização' das formas antigas da religião à situação de angústia de homens e mulheres urbanos, modernos*.³ Para E01, religião é um instrumento para interpretar sua *biografia* pessoal, dando um certo sentido à sua vida, e dar um lugar especialmente aos momentos de *caos* — doença, desemprego, contas a pagar — na sua vida. É Peter Berger quem situa a religião na oposição entre o sagrado e o *caos*, a ameaça absoluta do homem: *Todas as construções nômicas destinam-se... a afastar esse terror. No cosmos sagrado, porém, essas construções alcançam sua culminância, literalmente sua apo-teose*. A religião exerce um papel fundamental na construção do mundo. *Religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo*.⁴

Afirma E01 ainda que já freqüentava a Igreja antes de conhecer o Padre Marcelo.

2.2. E02

Para falar de si, E02, uma mulher aparentando uns 30 anos, começa a falar de sua família: *Primeiramente, na família são todos religiosos*. Ela é, portanto, católica por *tradição* ou por *herança*. Logo ela deixa claro, porém, que é também católica por *opção*: *toda quinta-feira eu venho;... já freqüentava lá antes de todo estes acontecimentos que aconteceram na carreira do Padre Marcelo*. Criada como católica, diz hoje: *por isso eu freqüento a Igreja; porque eu me sinto bem, estou nesta religião*. Também ela passou, portanto, pelo *imperativo herético*, de Berger, que Antoniazzi comenta assim:

2 Cf. R. PRANDI, *Perto da magia, longe da política*. In PIE-RUCCI F. – PRANDI, R. (Eds.), *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo, Hucitec, 1996, p. 94.

3 Cf. A. ANTONIAZZI, *O Sagrado e as religiões no limiar do Terceiro Milênio*. In CALIMAN, C. (Ed.), *A sedução do sagrado: O fenômeno religioso na virada do milênio*. Petrópolis, Vozes, 1998, p. 13.

4 Cf. P. BERGER, *O Dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo, Paulus, 1985, pp. 40-41.

*A sociedade moderna exige que o indivíduo faça uma escolha (sentido primitivo da palavra 'heresia'), deixando a adesão passiva à sua tradição cultural e religiosa, para optar por uma das religiões (e culturas) da sociedade pluralista. Mesmo que permaneça na sua religião de origem (por exemplo: o catolicismo), sua adesão não será mais 'por tradição' (por nascimento), mas 'por opção', por convicção elaborada pessoalmente.*⁵

Para ela, *a palavra é tudo*, e ela a *identifica com várias coisas do dia-a-dia da nossa vida*. Participar das missas do Padre Marcelo mudou nada na sua vida, é simplesmente *uma continuação daquilo que eu já vivia antes*.⁶

2.3. E03

Na entrevista com o casal jovem E03 é mais o homem que toma a iniciativa de responder.⁷ Ele afirma que eles vêm *todas as quintas-feiras* e já freqüentaram a Igreja antes, *esporadicamente*, enquanto, diz ela, a partir do Padre Marcelo, começaram a *freqüentar mais*. Ele diz que eles vêm por fé em Jesus: *Graças a gente recebe sempre. ... Agora, não é por causa dela que a gente vem. A gente vem mais por fé mesmo em Jesus*, e reafirma, questionado mais uma vez: *A gente procura primeiramente pela fé, né. Por causa da fé, se nós precisamos de uma graça, assim, desemprego, se a gente precisa de emprego, a gente pede, mas primeiramente pela fé*. O que mais chama atenção na missa do Padre Marcelo são *a missa como um todo*, os cânticos que *nos animam* e *a palavra mesmo que ele passa para a gente, ensinamento mesmo também*. Ele afirma que *eu sempre, eu sou católico, apesar de que eu estudei em um colégio adventista, mas nunca deixei de ser católico. Sempre fui católico*.

A fé do casal de namorados — *nós não estamos casados ainda* — foi reavivada pelo Padre Marcelo: sua freqüência na Igreja passou de esporádica a assídua. Este casal não faz parte dos excluídos pela modernidade; ele não acorre ao Padre Marcelo desesperadamente e por aflição: a resposta *se nós precisamos de uma graça... a gente pede* deixa transparecer que, atualmente, eles *não* precisam de uma graça. As horas no Padre Marcelo, na quinta-feira à noite, lhes parecem ser uma boa opção de estarem juntos, como namorados.

Pelo menos o homem já deve ter sentido com força o *imperativo herético* de optar por sua religião (ou denominação), porque estudou num colégio adventista; nem isso o tornou um mutante ou alguém que deu pelo menos uma olhada numa outra religião: *nunca deixei de ser católico. Sempre fui católico*.

5 Cf. A. ANTONIAZZI, O Sagrado e as religiões no limiar do Terceiro Milênio, op. cit., p. 13 nota.

6 O sentido do termo *a palavra* apresenta um sentido um tanto difuso tanto nesta entrevista como também em outras; não se sabe bem se ele se refere à palavra de Deus, à palavra do Padre Marcelo – ensinamentos – ou a ambas.

7 Este fato de uma certa maneira, me surpreendeu, uma vez que na minha prática pastoral os homens deixam normalmente as mulheres falar sobre assuntos de religião; aparentemente, por uma questão cultural, a religião é atribuída mais à mulher do que ao homem.

2.4. E04

E04, mulher jovem com duas filhas, veio ao Santuário do Terço Bizantino *para ouvir a palavra de Deus*, como *todas as quintas*. Procura *a força de Deus na nossa vida, e também que os louvores são bem mais fervorosos*. Frequenta também a sua paróquia: *Sempre íamos. Sempre. Agora a gente vai mais. Ela faz catecismo, então a gente tem que ir com ela todo domingo*. É a primeira entrevistada que fala do impacto ético do Padre Marcelo na sua vida: *na criação dos nossos filhos, no nosso trabalho, na nossa vida em casa, com o esposo, isso reflete em tudo*. A família inteira vai: *O marido vem direto do trabalho para cá. A gente vem antes, guarda o lugar para ele*. Também ela não vem por causa de desespero ou aflição; as horas com Padre Marcelo no Santuário do Terço Bizantino é um programa que toda família gosta. Ela não procura graça contra as desgraças da vida, mas *só fé em Deus mesmo. Para aumentar*.

E04 tem um perfil que poderia ser chamado de *boa paroquiana*. Vai com a família aos domingos à Igreja, participa do reavivamento que a paróquia oferece — encontros dos pais das crianças da catequese — e também de reavivamento extra-paroquial, com o Padre Marcelo. Percebe a diferença entre as duas ofertas, no Padre Marcelo, *os louvores são bem mais fervorosos*, mas não reclama da paróquia como entediante.⁸ Chega perto da família católica ideal com que o projeto de reavivamento da fé deu certo. Pelo menos aparentemente ou no discurso, esta família não tem problemas, e não há por que duvidar de sua catolicidade, não se fala em reencarnação, em trânsito religioso, em dupla pertença, nem em graças que precisam ser alcançadas. Para dizer o mesmo a partir de um outro ângulo de vista: com esta família, o projeto de *institucionalização da emoção* deu certo.⁹ A emoção dos *cantos fervorosos* e o Padre Marcelo que *ensina mais a gente ser mais apegada a Deus* fizeram esta mãe e esta família participar mais da instituição Igreja Católica.

2.5. E05

E05 é o único entrevistado que admite uma trajetória em outras religiões além da católica. Ouçamos sua história:

Ah, eu, eu sou católico. Frequentava a Igreja Católica. Um dia, endividado, desesperado, procurei a Igreja crente. Aí entrei na Igreja crente, fui batizado na Igreja crente. Fiquei um ano. Nada resolveu. Saí da Igreja crente. Fui para Espiritismo. Fiquei um ano e meio estudando Espiritismo. Gostei demais, porque o Espiritismo não é uma religião. É uma ciência. Aí, eu sempre querendo vir aqui. E vim. Gostei. Estou conseguindo aquilo que eu procurava. Eh, durmo bem,

8 Lísias Negrão, ao contrário, destaca, a partir de sua pesquisa de campo no Cambuci: *Retira-se o filho do catecismo, por julgar o ensinamento obsoleto, a Igreja é vista como medieval e as missas são aborrecidas*. Cf. Cf. L. N. NEGRÃO, *Católicos, mas nem tanto*. Comunicação apresentada na *XI Jornadas sobre alternativas religiosas na América Latina*. Chile, ACSRM, 10/2001, p. 15.

9 Sandra Duarte de Souza que está desenvolvendo a tese que seja mais correto falar de *institucionalização da emoção*, em vez do discurso corriqueiro da *emocionalização da instituição*. A ela devo também outros *insights* e uma revisão deste ensaio.

como bem, trabalho bem, eu estou com 67 anos de idade e não tenho preguiça para nada, trabalho, e agora eu venho aqui para agradecer, eu, por tudo que eu estou conseguindo. Eu e minha mulher, minha filha, minha prima ...

Sobre o momento em que ele saiu da Igreja crente e entrou no Espiritismo, ele lembra:

Eu caí. E cresceu uma bola deste tamanho. Eu fui para Hospital das Clínicas. Eles não quiseram operar. Me mandaram para o hospital da Sorocabana. Não quiseram operar. Mandaram para USP. Também não quiseram operar. Aí eu fui lá no centro. Me deitaram numa cama e fizeram operação espiritual. Em dois dias não tinha mais nada. Então eu procurei a estudar. Estudei durante um ano e meio. ... Eu não fui mais na Igreja crente. A Igreja crente é muito boa. São gente muito boa. Recebem a gente de braços abertos, mas — não é aquilo que eu estava, eu estava esperando. Então eu — agora estou aqui para agradecer tudo que eu tenho recebido. ...

Sobre sua relação com o espiritismo e o catolicismo hoje, ele diz:

Leio. Tenho mais ou menos uns, uns duzentos livros de espírita — eh, romances, e a ciência também, eu estudo. ... [Isso não tem conflito com a Igreja Católica?] Não. É igual! Só que, que a Igreja Católica não acredita na reencarnação. O Espiritismo acredita na reencarnação. [E o Senhor?] Acredito. Eu estou aqui, mas eu acredito na reencarnação.

Ele também continua a ter alto respeito pela Igreja crente: *Eu não fui mais na Igreja crente. A Igreja crente é muito boa. São gente muito boa. Recebem a gente de braços abertos, mas — não é aquilo que eu estava, eu estava esperando. Então eu — agora estou aqui para agradecer tudo que eu tenho recebido.*

Percebe-se que E05 mudava de religião quando estava em crise: Quando estava endividado, procurou a Igreja crente, e quando teve um problema de saúde que os médicos não resolveram, saiu da Igreja crente e foi para o Espiritismo. Ele não critica a Igreja crente — *A Igreja crente é muito boa* — mas apresenta-a como *inadequada* com respeito ao seu problema: *Nada resolveu e não é aquilo que eu estava, eu estava esperando.* Ele não está mais ligado a ela.

O Espiritismo, ao contrário, resolveu um problema que a modernidade – medicina moderna; três hospitais! — não solucionou — três vezes ele diz: *Não quiseram operar!* — uma queixa da morosidade e da incompetência da modernidade. Assim, E05 confirma a tese de Carlos Rodrigues Brandão que o trânsito religioso é uma questão relativa ao sujeito da fé que procura

a *mais especializada* religião para cada necessidade subjetiva, uma vez que *verdadeiras todas, nenhuma delas esgota a plenitude da vida*.¹⁰

10 Cf. C. R. BRANDÃO, A Crise das instituições tradicionais produtoras de sentido. In MOREIRA A. – ZICMAN, R. (Eds.), *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis, Vozes, 1994, p. 28.

11 Ibidem, p. 29.

12 Ibidem, p. 40.

13 Cf. L. N. NEGRÃO, *Católicos, mas nem tanto*, op. cit.

E05 continua estudando o Espiritismo e assimilou parte de sua doutrina: *Eu estou aqui, mas eu acredito na reencarnação*, comprovando outra tese do autor no mesmo texto: *A virtude, a verdade e o poder simbólico do fator religioso podem ser acumulativos*.¹¹ Isto é corroborado por uma pesquisa à qual Brandão faz referência e conforme a mesma 45,9% dos católicos acreditam ou declaram acreditar em reencarnação.¹² Em outras palavras: *E05 é católico, mas nem tanto*.¹³

Hoje, E05 participa do Padre Marcelo. No início, ele parece ter feito um caminho interior — *eu, no começo, eu vivia, eu chorava a missa inteira. Chorava a missa inteira. Hoje eu já estou mais calmo (ri), mas qualquer coisinha, eu choro* — e sua procura parece ter chegado ao fim: *eu sempre querendo vir aqui. E vim. Gostei. Estou conseguindo aquilo que eu procurava*. Ele parece ter realizado o que Michel Maffesoli vê como ponto de chegada de todo nomadismo: *as experiências vividas nos conduziram ao porto seguro*.¹⁴ A dívida ainda não foi totalmente paga, a família ainda não está completamente unida — *a que é a coisa mais gostosa do mundo* — mas ele está *bem próximo já*.

14 Cf. M. MAFFESOLI, *Sobre o nomadismo: Vagabundagens pós-modernas*. São Paulo, Record, 2001, p. 192.

Hoje, E05, de 67 anos, não é católico só por tradição, mas também por emoção, e porque se sente bem no Padre Marcelo.

2.6. E06

E06 veio agradecer uma graça porque conseguiu emprego — um emprego que ela estava esperando *já há quatro, cinco anos*. A graça foi alcançada por uma novena a Santa Terezinha: *Foi minha mãe que fez para mim. Aí comprou uma rosa, entrou com as amigas dela, pediu uma graça para mim, e eu consegui o emprego*.¹⁵ Como já foi comentado no caso de E01, estamos diante de *uma instrumentalização das formas antigas da religião à situação de angústia de homens e mulheres urbanos, modernos*.¹⁶ Esta leva, porém, a um envolvimento emocional: *Ah, Padre Marcelo é mais divertido, tem mais fé. Parece que perto dele a gente tem uma graça, a gente sai daqui: vai ter uma graça, a gente vai conseguir a graça que a gente quer. ... Gosto de tudo aqui*. Também o elemento da tradição está presente, porque foi a *mãe* que fez a novena, da qual E06 mesmo aparentemente nem participou. *A mãe sempre participava da Igreja, mais do que eu*. E06 deu a impressão que veio incentivada por um estímulo externo, isto é, a mãe; uma vez presente, porém, acha tudo *divertido*. O retorno à Igreja católica — *eu estava um pouco afastada. Mas agora voltei de novo* — pode ser apenas passageiro.

15 A rosa, importante símbolo em algumas Igrejas neopentecostais que combinam elementos de tradições religiosas diversas, como a Igreja Universal do Reino de Deus, faz de fato, conforme antiga tradição católica, parte da novena a Santa Terezinha; quero apenas anotar a possibilidade que esta prática neopentecostal hoje esteja retroalimentando esta antiga tradição católica.

16 Cf. A. ANTONIAZZI, O Sagrado e as religiões no limiar do Terceiro Milênio, op. cit., p. 13.

2.7. E07

Ao observar que muitas pessoas escreveram, em papéis, pedidos que foram coletados em cestas e levados ao altar, abordei E07 enquanto estava escrevendo o seu pedido. Ela considera seu pedido *uma carta a Jesus* e indica um feixe de motivos que a trouxeram ao Padre Marcelo: situação familiar (*Meu pedido de hoje é para a libertação do meu filho que está na FEBEM*), situação financeira (*para melhorar minha situação financeira*), motivo ético-religioso (*para que eu seja uma pessoa melhor, para que eu saiba amar meu próximo melhor*), e motivo especificamente religioso (*que Jesus aumente a minha fé*). Ela considera sua fé poderosa: *eu consigo, eu consigo muitas coisas e muitas bênçãos, muitos milagres*. Foi o padre Marcelo que lhe ensinou *pedir direito*. *Eu só pedia, eu não sabia agradecer*. Ele também transformou sua concepção de Deus: *Eu mesmo sem pecar, eu achava que Deus era de fazer medo, e hoje não. Deus para mim é paz. Padre Marcelo me ensinou muito*. Assim, E07 tem consciência da trajetória de sua fé.

Já com sete anos, E07 fez o que talvez poderia ser chamado de *experiência-chave* de sua fé. Ela conta:

*Sempre fui católica. Eu recebo milagres desde criança. Quando tinha sete anos, foi o primeiro milagre que eu lembro que recebi. Eu morava na fazenda, e minha mãe foi — o médico disse que ela ia (pausa) — não tinha mais jeito. Ela ia morrer, entendeu? E eu chorei muito. Aí eu fui numa igreja que tinha lá, ela tinha um vidro quebrado, e eu pedi para Nossa Senhora, que ela fosse curada. E que eu dividia minha vida com ela, eu não sabia nem rezar, sabe, aquela coisa (?) que eu disse, porque eu não era tão importante como minha mãe porque minha mãe fazia muita falta, e no outro dia minha mãe já melhorou. E agora, sabe, naquele momento assim, que minha mãe chegou do hospital, eu tinha sete anos, eu chorava muito, e todo mundo falava: Por que você está chorando? A mãe veio, a mãe não vai ficar ruim mais, sabe, mas já era o sentido do milagre na minha vida, e hoje em dia não choro mais, na (?) e na tristeza. Na tristeza sei que Jesus está ali comigo.*¹⁷

E07 faz esta experiência mariana e milagrosa forte como menina pobre no meio rural. Em várias releituras antropológicas recentes de aparições marianas, reflete-se sobre o fato que Maria costuma aparecer no meio rural e a meninas, crianças ou mulheres.¹⁸ Retomando uma reflexão de Sherry B. Ortner,¹⁹ conforme a qual criança, mulher e meio rural são culturalmente construídos como *natureza*, em oposição a *cultura* representada pelos homens, adultos e espaço urbano, Marjo de Theije e Els Jacobs dizem:

17 Continuando a conversa, já sem gravador ligado, perguntei sobre a importância do vidro quebrado da capela onde ela rezou como criança de sete anos, quando a mãe estava muito doente. Ela respondeu que foi por esta janela quebrada que ela conseguiu enxergar o interior da Igreja, e que o vidro quebrado deu visão justamente de uma Nossa Senhora no altar, formando com os braços e mãos uma concha, *era Nossa Senhora das Graças*.

18 Veja especialmente, C. A. STEIL, - MARIZ, C. L. - REESINK, M. L., *Maria entre os vivos: Reflexões teóricas sobre as aparições marianas no Brasil*. Porto Alegre, UFRGS, 2003; T. M. C. ALMEIDA, *Vozes da mãe do silêncio: A aparição da Virgem Maria em Piedade dos Gerais (MG)*. São Paulo, Attar, 2003.

19 Cf. S. B. ORTNER, *Is Female to Male as Nature is to Culture?* In ORTNER, S. B. (Ed.), *Making Gender: The Politics and Erotics of Culture*. Boston, Beacon Press, 1966, pp. 21-42; também em ORTNER, S. B. *Is Female to Male as Nature is to Culture*. In ROSALDO, M. A. - LAMPERE, L. (Eds.), *Women, Culture and Society*. Stanford, Stanford University Press, 1974, pp. 67-88.

*Essa associação das mulheres com o natural não é específico do caso brasileiro. Em muitas sociedades as mulheres são associadas à natureza, enquanto os homens são metaforicamente ligados à cultura, porque eles transformarão a natureza em cultura. Nesse sentido, o papel da mulher na família torna-se ligado à esfera privada e, juntamente com a própria fisiologia feminina, contribui para que ela seja universalmente representada como mais próxima à natureza.*²⁰

As aparições marianas são vistas como construção de um *self sagrado* e como afirmação e reapropriação de um poder religioso do qual os leigos e especialmente as mulheres foram desapropriados pela hierarquia católica.²¹ Mesmo se a experiência densa de E07 e o milagre subsequente não chegam ser uma aparição, eles apresentam semelhanças.

E07 é uma *mãe sofrida*, também neste ponto identificada com Nossa Senhora como *mãe das dores*. Quem a faz sofrer são os homens de sua família: o filho e o marido. *Eu tenho as minhas tribulação — eu sempre tive. Mas eu sempre fui feliz. ... E eu fico, pergunto para Deus ... onde eu estou errado*. Seu filho está na Febem, *por sair do caminho certo*. Nesta situação, E07 se define antes como mãe que como mulher: *Eu acho que Deus me colocou para o filho ser melhor*.

Mesmo com marido em casa, ela vive na solidão:

Eu vivo com marido. Um marido que é, foi alcoólatra, é alcoólatra, bem, e eu acho que eu vivo sozinha, sabe, mas tem marido em casa. ... Até me sinto culpada por não ter saído deste casamento, mas depois eu olho para trás, ne, então eu não sei direito.

E07 coloca a dúvida se ela deve sair do casamento não em termos de seu direito de ser mulher feliz, mas em termos da obediência às leis divinas, do medo de quebrar com as expectativas de desempenho de papéis previstos pelo mundo sagrado: *Até me sinto culpada por não ter saído deste casamento*. Torna-se evidente aqui o que diz Clifford Geertz:

*A força de uma religião ao apoiar os valores sociais, repousa, pois, na capacidade dos seus símbolos de formularem o mundo no qual esses valores, bem como as forças que se opõem a sua compreensão, são ingredientes fundamentais. ... Nos rituais e nos mitos, os valores são retratados não como preferências subjetivas, mas como condições de vida impostas, implícitas num mundo com uma estrutura particular.*²²

No nosso caso, os valores sociais que a religião católica apoia com força, pela imagem de Maria, são valores da dominação masculina; a simbologia religiosa de Maria — inculcada por E07 — faz o jogo da violência simbólica: missão da mulher é sofrer pelos homens. Comenta Bourdieu:

20 Cf. M. THEIJE – JACOBS, E., Gênero e aparições marianas no Brasil contemporâneo. In STEIL, C. A. – MARIZ, C. A. – REESINK, M. L. (Eds.), *Maria entre os vivos*, op. cit., 40.

21 Cf. STEIL C. A. – ALVES, D., 'Eu sou a Nossa Senhora da Assunção': A aparição de Maria em Taquari(RS). In STEIL, C. A. – MARIZ, C. A. – REESINK, M. L. (Eds.), *Maria entre os vivos: Reflexões teóricas sobre as aparições marianas no Brasil*. Porto Alegre, UFRGS, 2003; CSORDAS, T., *The Sacred Self: A Cultural Phenomenology of Charismatic Healing*. Berkeley, University of California Press, 1997.

22 Cf. C. GEERTZ, *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1989.

De fato, o caso da dominação de gênero mostra melhor do que qualquer outro que a violência simbólica se dá por meio de um ato de cognição e de mau reconhecimento que fica além — ou aquém — do controle da consciência e da vontade, nas trevas dos esquemas de habitus que são ao mesmo tempo gerados e generantes. ... A dominação masculina, em última análise, fundamenta-se na lógica da economia das trocas simbólicas, isto é, na assimetria fundamental entre homens e mulheres, instituída na construção social de parentesco e casamento: a assimetria entre sujeito e objeto, agente e instrumento.²³

Sua *caminhada* — E07 usa esta palavra sete vezes; não se sabe se E07 foi influenciada por CEBs, pelas quais *caminhada* é uma palavra central — a é *caminhada de sofrimento*, e nesta caminhada é somente Deus quem a acompanha: *Às vezes está acontecendo algo assim que parece que estou sozinha, alivia, e parece que saio acompanhada. ... Eu nunca me senti sozinha. Mesmo nas horas difíceis.*

Para E07, a religião fornece o *potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura* com o qual ela constrói sua *província de significado*, rejeitando a *província de significado* da modernidade, isto é, buscar a própria felicidade.²⁴ É a religião que a proíbe abandonar tudo, que a faz agüentar pacientemente, que lhe dá um sentido último na tribulação, a promessa de uma futura salvação, e a missão inarredável de mãe sofrida:

Eu espero milagre, mesmo assim, e eu acredito que minha família vai ser toda salva, por isso eu não quero abandonar nada, sair em busca de uma felicidade. Porque eu acho que nunca vou ser feliz com os que eu mais amo infeliz. Eu vou ser muito mais infeliz se eu abandonar tudo. Eu sei que, e acredito que Deus é misericórdia, e ele vai salvar todos. E com a minha luta.

2.8. E08

E08 diz que não veio procurar, mas *vim preencher, vim buscar mais*. Ela é a única entrevistada a falar da RCC expressamente: *E aqui eu aprendi muita coisa na missa do Padre Marcelo. Com a renovação carismática eu aprendi muita coisa. O padre Marcelo mexe muito com o lado emocional das pessoas. Muito. E falta ainda, viu, nas outras Igrejas. Ela e sua amiga são lideranças nas suas paróquias, mas quando eu estou fraca, eu preciso de mais, eu tenho que vir, vir aqui* ou nas irmãs carmelitas, ou *Francisco de Assis, e assim vai, até a Imaculada* — as duas fazem, portanto, um certo *turismo religioso* para lugares onde se reza no estilo da RCC.

23 Cf. P. BOURDIEU, Conferência do Prêmio Goffman: A dominação masculina revisitada. In LINS, D. (Ed.), *A dominação masculina revisitada*. Campinas, Papirus, 1998, pp. 22 e 24.

24 Cf. G. VELHO, *Projeto e metamorfose*: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 19992, p. 28.

Estes centros de irradiação da Renovação Carismática Católica ocupam certamente, entre os tipos religiosos ideais que Max Weber desenvolve, o pólo do profeta, que se opõe ao corpo sacerdotal como o *descontínuo* ao *contínuo* e o extraordinário ao ordinário. De um lado, portanto, a quinta-feira à noite com o Padre Marcelo é o descontínuo e extraordinário em oposição ao contínuo e ordinário da paróquia; do outro lado, o Padre Marcelo reforça, e muito, o pólo sacerdotal e sua importância na Igreja Católica. E quando ele, no fim da missa, passa com o Santíssimo pelo Santuário e milhares de pessoas levantam suas carteiras de trabalho em direção a ele, e se precipitam para tocar o ostensório, a impressão que se dá é que o Padre Marcelo é o grande *mago*. Como avaliar a construção de um personagem como o Padre Marcelo, ou de um movimento como a RCC, que pretendem fundir ou unificar os três tipos religiosos ideais de Weber?

E08 e sua amiga queixam-se dos padres que não aceitam a renovação na sua paróquia.

O padre que não é carismático, então ele não, quando ele não dá autonomia para o grupo carismático fazer os encontros da renovação ou uma missa carismática, isso fica um pouco como conflito, aí surgem algumas discussões, brigas. Para este caso, elas já têm uma estratégia preparada:

... então vai devagarzinho, uma coisa é hoje que já pode ser diferente amanhã, saber bem como colocar isso também, saber o que faz não existir duas Igrejas: é você realmente ser testemunha lá e aqui. Porque é teu testemunho que vai fazer com que aquele padre comece a repensar: não, eu vou aceitar ela, e ela vai me aceitar do jeito como eu sou, e nós dois vamos junto levar este povo a Jesus. Porque é isso que nós temos que fazer.

Max Weber citava como três forças agem na esfera dos leigos a profecia, o tradicionalismo laico e o intelectualismo laico. Bourdieu quer ir além e

*subordinar a análise da lógica das interações ... à construção da estrutura das relações objetivas entre as posições que ocupam no campo religioso, estrutura que determina a forma que podem tomar suas interações e a representação que delas possam ter.*²⁵

Me parece, porém, que seu esquema não dá mais conta da situação atual, na qual fenômenos globais ou catolicismos globais — Padre Marcelo, Padre Jonas Abib etc. — influenciam e concorrem com situações locais ou catolicismos locais, como nas paróquias, por exemplo. Bourdieu diz:

A concorrência pelo poder religioso deve sua especificidade ... ao fato de que seu alvo reside no monopólio do exercício legítimo do poder de modificar em bases duradouras e em

25 Bourdieu apresenta o pensamento de Weber a este respeito. Cf. P. BOURDIEU, *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 20035, p. 81.

*profundidade a prática e a visão de mundo dos leigos, impondo-lhes e inculcando-lhes um habitus religioso particular, isto é, uma disposição duradoura, generalizada e intransferível de agir e de pensar conforme os princípios de uma visão (quase) sistemática do mundo e da existência.*²⁶

Ao meu ver, não há mais monopólio, porque os catolicismos globalizados e os catolicismos locais são concorrentes ou, pelo menos, podem concorrer. Atualmente, os catolicismos globalizados parecem ter um *poder maior* de modificar a prática e a visão do mundo dos leigos; em todo caso, porém, o (a) leigo(a) católico(a) tem a possibilidade da escolha e possui uma *autonomia relativa*, apesar de tanto os catolicismos globalizados como os locais quererem lhe inculcar um *habitus religioso*. Assim, o discurso de E08 e amiga é um discurso induzido e assimilado da Renovação Carismática Católica; e mais: E08 e sua amiga têm a consciência e auto-estima que agora são elas que inculcam um *habitus religioso* e mudam a visão do padre de sua paróquia: *Porque é teu testemunho que vai fazer com que aquele padre comece a repensar*. O campo religioso está mudando e se redefinindo!

26 Cf. P. BOURDIEU, *A Economia das trocas simbólicas*, op. cit., p. 88.

2.9. E09

Já no início da entrevista, E09 — *adepta* de CEBs, entrevistada na casa paroquial onde atuo — não deixa dúvidas que ela vem de uma família de tradição católica:

Sou filha de quinze filhos, treze filhos paternos e dois de criação. Meu pai era coordenador de uma comunidade. Ele viveu nesta comunidade quarenta — não cinqüenta e dois anos. E lá ele nos formou nesta vida de Igreja, trabalhando junto, caminhando junto, até ele falecer. Quando ele faleceu, nós filhos continuamos a, a caminhada. Cada lugar que nós moramos, cada irmão meu faz parte de uma comunidade, como coordenador, participando de algum movimento.

A grande figura de identificação é o pai. Chama atenção que a mãe não é lembrada nenhuma vez por E09 na entrevista, que durou mais que onze minutos. Quando E09 era criança, a família seguia a *Igreja antiga, com orações em latim, missa em latim*. O pai era coordenador da Congregação mariana, e na comunidade *era um dos coordenadores ... visitava as famílias, rezava o terço, rezava ofícios, nas fazendas, nos sítios ... estava lá como xerife. Porque o meu pai teve, junto com a congregação mariana e a comunidade, ele comprou uma, uma fazenda para Igreja, para construir o seminário ... e construiu, e conquistou este próprio terreno da Igreja, que era a Igreja, o salão, necrotério, tudo lá dentro da Igreja para o povo da comunidade, uma pequena vila com quatro ruas.*

Uma pequena comunidade de catolicismo tradicional, nada progressista, mas trazendo melhorias para a pequena vila, com leigos muito empenhados, portanto. Isso agora vai mudar: No *Concílio Ecumênico* do início dos anos 60, *o papa abriu a Igreja para o mundo, para as comunidades*. Em consequência, o arcebispo de Vitória — *a ordem do Bispo era Deus* — tirou da Igreja os leigos que coordenavam as comunidades e mandou irmãs religiosas *tomar conta da comunidade e criar uma comunidade eclesial de base*. De fato, *o leigo ficou encostado. Meu pai ficou só assessorando, e por isso ele ficou doente e acabou morrendo, por causa desta Igreja. Que ele muito amava*. O pai de E09 morre, portanto, de desgosto de ter sido *tirado da Igreja* e por causa da introdução um tanto violenta e traumática das Comunidades de Base: *Ele não foi preparado para essa mudança. Então parece, parece me que pegou como um choque. E nisso ele ficou doente. Mas foi; tudo bem*. Apesar deste dado biográfico, é justamente este o modelo de Igreja que E09 ama:

Meu coração mora com a Igreja CEBs. Caminhando com a Igreja libertadora, povo que trabalha com os oprimidos, com o pobre, levando-os à palavra, é o êxodo, um novo êxodo do Evangelho, do, do, do Moisés, caminhando, é uma Igreja caminhante procurando sempre caminhar e não ficar parado. Eu não quero, não aceito ficar só ali dentro da Igreja sem fazer alguma coisa para o outro que está sofrendo, oprimido e desempregado, são os sem-camisinha ou os pé-descalço.

Apesar da maneira violenta e traumática como foram introduzidas as CEBs, causando, na sua visão, a morte do pai, E09 traça na sua memória não uma ruptura, mas um *continuum*: Ela diz que o cuidado com os pobres que o pai teve na Igreja tradicional tem a ver com seu jeito de cidadã hoje. E revela um sonho não realizado de sua vida:

porque quando eu via meu pai fazendo as coisas para os pobres, lá no interior que ele sempre trabalhou nesta linha, mesmo na Igreja conservadora, eu dizia sempre assim: quando eu crescer, eu vou ser missionária para trabalhar com os pobres. Se eu não poder ficar no Brasil, no Amazonas, no Acre, eu vou para África. E na África trabalharei com aqueles com que gostaria de levar a mensagem de Deus.

E09 sabe que a conjuntura mudou e hoje a RCC domina. Ela diz: *não sou contra a renovação; siga quem quiser. Mas eu ainda estou do lado de cá, vivendo com o oprimido, com o pé descalço ainda, o excluído*. Ela descreve sua estratégia para lidar com a nova geração de padres que já não gostam mais de CEBs assim:

eu tento conversar com eles. Quando eu vejo que não dá para mim, eu sigo meu caminho do outro lado. Faço aquilo que eu penso. Não, não me influi em nada, nem me atrapa-

lha. Se ele quer me atrapalhar, eu não vou onde ele está. Eu saio e vou fazer outra coisa.

Mostra-se como o poder no campo religioso, desenhado por Pierre Bourdieu, é limitado na atualidade, e como os leigos possuem uma *autonomia relativa*: eles têm pouco poder nele, mas têm a opção de *sair da Igreja — paróquia — e fazer outra coisa, caminhar do outro lado, não ir onde ele — o padre — está.*

E09 acredita que as CEBs podem se reerguer:

eu não perdi a esperança. Eu espero que a partir desde momento que a Igreja tomando consciência agora que viver ao lado dos pobres, caminhar, levar a palavra de Deus para os pobres, é o mais certo, ... pelos movimentos que eu participo por aí, que eu vou, por exemplo, no Movimento Sem Terra, fui em Aparecida agora, o pessoal dos Sem Terra fez a procissão das CEBs, juntos, caminhando, aquela multidão de gente, com fé, com fé querendo mesmo levar a palavra, mostrar a, o que é Jesus hoje, o que é Eucaristia hoje, o que é nossa vida religiosa hoje. Não é verdade?

Parece, porém, um tanto ilusório diante do quadro real das CEBs. Neste ponto, E09 mostra uma preocupação colocada por poucos estudiosos:

Nas CEBs nós estamos bem enfraquecidos. Neste ponto a gente sente que está enfraquecidos; o pessoal está ficando mais idosos; são idosos já; outros já morreram, tá. Nós somos poucos. Mas estes poucos que nós somos, ainda a gente tem bastante força.

E09 acredita que a Igreja não perdeu ainda muito espaço na esfera pública, negando um *sair da religião* do espaço público postulado por vários sociólogos da religião:

fiz um congresso há pouco tempo, um fórum de educação, todos os palestrantes que estavam neste fórum, eles sempre invocavam a Deus. Para ter fé, ter esperança, para que nós podemos caminhar. Então eu acho que a Igreja não está perdendo espaço.

Apesar das CEBs terem uma teologia bastante ecumênica, E09 identifica os protestantes com protestantes pentecostais que ela considera alienados:

Criou-se mais Igrejas protestante, é porque o pessoal está desinformado. Está com sede de Jesus Cristo. Então ele bate na porta, não acha, ele vai aonde quem dá uma cesta básica ou coloca a mão na cabeça ou faz o milagre. Mas não é fé. É por necessidade.

E09 mostra, portanto, uma identidade católica bastante diferente dos oito entrevistados no Padre Marcelo, apesar de estes também revelarem entre si uma certa pluralidade ou *polivocidade*. E09 é a única entrevistada que não afirma que as coisas estejam melhorando atualmente na sua vida. É a única

que não fala de progressos pessoais, materiais ou espirituais, mas sonha com o *êxodo* e um futuro melhor para todos. Para ela, os momentos dolorosos de sua vida, ou experiências de *caos* — morte do pai — não são simplesmente abolidos por Deus, ou de forma mágica — era assim ... hoje já não é mais — mas encontram seu sentido — quase como sacrifício — num horizonte de um sonho maior: *novo êxodo do Evangelho, Igreja caminhante*. E09 vê rupturas entre a Igreja tradicional e a Igreja das CEBs, mas também um *continuum* que aparece na preocupação com os pobres; mesmo na Igreja tradicional, na catequese já *era uma catequese caminhante na Bíblia, junto com o povo*. É a única que coloca a religião e o sentido da própria vida no horizonte do espaço público, social e político.

Como E08, tem sensibilidade pela questão do poder na Igreja, tanto no momento CEBs *versus* Igreja tradicional como RCC *versus* CEBs, e elabora conscientemente suas estratégias.

3. CONCLUSÃO

Acredito que se confirmou a hipótese central: as entrevistas comprovam a *pluralidade* dos catolicismos. Mesmo entre os(as) oito entrevistados(as) no Padre Marcelo não há duas crenças ou trajetórias que se assemelham. Pode-se distinguir o catolicismo do desesperado e excluído do progresso da modernidade (E01); o da católica tradicional que não se emociona tanto (E02); o dos namorados (E03); a mãe sofredora, casada com alcoólatra e com filho na Febem (E07) de um lado, e a mãe jovem feliz e boa parouquiana que espera por seu marido que já vem (E04); o nômade religioso que acredita em reencarnação, mas agora talvez encontrou seu porto seguro (E05); a jovem que acha o Padre Marcelo *divertido* e veio agradecer uma graça que a mãe com sua fé fervorosa conseguiu (E06); a militante da RCC, crítica da instituição (E08), e a militante das CEBs, crítica da RCC e da instituição. Nove pessoas, nove trajetórias, nove catolicismos. Alguns têm algo em comum: Para E01, a religião é importante porque satisfaz necessidades; pode-se falar de uma instrumentalização da religião. Ao longo de sua trajetória, também E05 já teve esta relação pragmática (resolver problemas financeiros e de saúde) com a religião; mas enquanto para E01 um *Deus ex machina* resolve tudo, E05 compra duzentos livros para entender cientificamente como foi curado na cirurgia espiritual no centro espírita. — Vários outros afirmam, e com uma certa insistência, que *não* vieram para procurar uma graça, mas estão aí por fé mesmo (E03, E04, E08). Outros revelam um feixe de motivações que os trouxe (E05, E06, E07). E02 é a única que afirma que o Padre Marcelo mudou nada na sua vida: ela é católica por tradição ou heran-

ça; mas até ela está no Padre Marcelo por opção e emoção: ela se sente bem. Todos(as) os(as) oito entrevistados(as) se sentem bem no Padre Marcelo, por sinal; as brevíssimas entrevistas não iluminam se eles(as) se sentem bem participando da *missa* do Padre Marcelo ou participando do *evento* Padre Marcelo. Todos(as), com exceção da jovem E08 e sua amiga, falam da família ou afirmam que toda família participa do Padre Marcelo: sem dúvida, o Padre Marcelo reforça o valor tradicional da família e, ao mesmo tempo, é um bom programa de lazer para toda a família.²⁷

Todos(as) os(as) entrevistados(as) no Santuário do Terço Bizantino afirmam, como era esperado, que o Padre Marcelo aumentou sua fé, que agora sabem rezar, o que antes não sabiam de verdade; vários dizem que aprenderam a agradecer e não só pedir. Ninguém fala de decepção, desilusão ou crise de fé, apesar das crises da vida; ninguém critica o Padre Marcelo. Confirmou-se também que os(as) católicos(as) do Padre Marcelo não substituem ou rejeitam sua crença inicial, mas a ampliam, e acrescentam. Ninguém dos(as) entrevistados(as) afirma que era de outra religião e se converteu do catolicismo (se bem que alguns não foram questionados a respeito): todos(as) já eram católicos(as); somente um fala do seu trânsito religioso, o que considero um número muito baixo; vários(as) eram afastados(as) e reavivaram sua fé.

Isso os(as) leva a se sentirem pessoas novas ou renovadas: *alguma nova maneira de o indivíduo ver-se a si mesmo e à sua condição de vida, um sacred self*.²⁸ O que mais chama ao Santuário do Terço Bizantino parece ser a pessoa do Padre Marcelo, sua irradiação e seu carisma, e também os cantos que são mais fervorosos. Também *a palavra* é frequentemente citada. Me surpreendeu também a quase ausência do hibridismo, com exceção de E05 que é ao mesmo tempo o *nômade* religioso. Pode-se perguntar, porém, se o próprio Padre Marcelo não é um hibridismo entre sacerdote e espetáculo.

Há no padre Marcelo

quem entra para uma religião por motivo pouco ou nada religioso, como acompanhar um parente, resolver uma pendência, encontrar uma cura, ou simplesmente por atração estética ou afetiva, logo é compelido pela religião a descobrir profundas motivações interiores de natureza existencial e transcendental, de modo que possa ser convencido de que uma força sobrenatural orienta sua inclusão num grupo que ele não escolhe, mas é escolhido.²⁹

Há os que são acompanhados por parentes (E04, E07), há quem veio resolver uma pendência (E06), há quem vem encontrar cura (E01), e certamente são muitos os(as) que vem esteti-

27 Deve-se lembrar que até os anos 60 a tradição da fé católica acontecia muito mais na família, com oratório, novenas, orações etc., do que na própria Igreja ou paróquia que tinha um status apenas secundário.

28 Cf. R. PRANDI, *Religião, Biografia e Conversão*: Escolhas religiosas e mudanças de religião. Trabalho apresentado na IX Jornadas sobre alternativas religiosas na América Latina. Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, 1999, p. 15; T. CSORDAS, *The Sacred Self*, op. cit., título.

29 Cf. R. PRANDI, *Religião, Biografia e Conversão*, op. cit., p. 14.

camente ou afetivamente atraídos(as) pelo próprio Padre Marcelo. Todos(as) os(as) entrevistados(as), porém, contam das profundas motivações interiores e transcendentais que descobriram. A maioria dos(as) entrevistados(as) participa também da paróquia, são ou se tornaram, portanto, *católicos da instituição*. Não acredito, porém, que a quinta-feira à noite no Terço Bizantino seja suficiente para sentir a *inclusão num grupo que ele não escolhe, mas é escolhido*. O sentimento nesta noite não me parece ser de habitus e membresia, mas é *um sentimento de se pertencer a uma comunidade católica, com a qual se compartilha de certos valores difusos e de certas práticas tradicionais*.³⁰

30 Cf. L. N. NEGRÃO, *Católicos, mas nem tanto*, op. cit., p. 14.

A trajetória de sua vida trouxe os(as) entrevistados(as) — pelo menos temporariamente — ao Santuário do Terço Bizantino do Padre Marcelo, onde eles compartilham, na maioria dos casos, *construções simbólicas temporárias*, como se expressa Sandra Duarte de Souza, e onde acontece *uma 'recomposição do sagrado' ou ainda uma 'reinvenção do sagrado', produto de uma sociedade secularizada*.³¹

31 Cf. S. D. SOUZA, Trânsito religioso e construções simbólicas temporárias: uma bricolagem contínua. *ESTUDOS DA RELIGIÃO*, 15(2001), p. 159.